

Título: Acervos Etnográficos e Repositórios Digitais: cidade, memória ambiental e tempo em formas pluriversas e diferentes linguagens.¹

Flávia Maria Rieth (UFPEL)²

Elisa Algayer Casagrande (UFRGS)³

Palavras-chaves: repositórios digitais, acervos etnográficos, antropologia urbana

Resumo: Neste trabalho, abordamos o debate sobre acervos etnográficos e repositórios digitais como espaços de extroversão, em que a organização dos materiais e conhecimentos gerados pelas pesquisas sejam devolvidos à sociedade, efetivando o direito à memória e o acesso aberto à informação (ROCHA et al., 2025). A organização dos acervos etnográficos se coloca como uma ação de cuidado e mediação, bem como de construção de conhecimento. Aqui, evidenciamos as relações entre cidade, memória ambiental e a descontinuidade do tempo em suas formas pluriversais e em diferentes linguagens, fragmentos que traçam a atualidade do passado em suas vicissitudes. Buscamos uma reflexão sobre as possibilidades do trabalho antropológico e as devolutivas para interlocutores e a sociedade como um todo, perpassando questões éticas e estéticas que constituem o pensamento antropológico.

Introdução

A restituição de pesquisas é tema amplamente abordado na antropologia, presente inclusive em debates dos cânones da área, como Franz Boas, Lévi-Strauss e Margaret Mead, e parte de uma noção do papel social de antropólogos e antropólogas. É relevante pensar que a produção do conhecimento avança a partir da narrativa imagética. A produção de imagens possibilita o conhecimento das formas sensíveis da vida social. A imagem conjugada à escrita constitui um processo de reflexão importante para pesquisadores e pesquisadoras que se colocam como narradores da cidade ou de

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Profa. Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, atua na área da Antropologia, com ênfase em Patrimônio e Cultura, Família e Parentesco, Antropologia Urbana e Antropologia Ambiental. Pesquisadora do Geur/ICH/UFPEL - Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos e pesquisadora associada ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Laboratório de Antropologia Social/LAS do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/PPGAS, UFRGS. C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6927792597690091>, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7306-509X>.

³ Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade Feevale). Foi bolsista CAPES e teve bolsa CNPq ADCV 1/B, projeto Musealização e difusão cultural de patrimônios de pesquisas antropológicas em contextos das metrópoles contemporâneas: o caso das coleções audiovisuais do BIEV/UFRGS, coordenação Ana Luiza Carvalho da Rocha Jornalista e Relações Públicas (PUCRS). Pesquisadora associada ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais/LAS/NUPECS/PPGAS-UFRGS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5868-1772>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3556327297928042>.

referências culturais, na coleta de depoimentos, dados e informações, atuando ativamente na construção de memórias, implicados no processo de narração das formas da vida social (ECKERT e ROCHA, 2005). É dessa maneira que compreendemos a atuação de profissionais e pesquisadores(as) nas práticas de conversão de pesquisas em produtos culturais, e nos processos de organização e catalogação de acervos de pesquisa, como práticas de devolutiva da pesquisa etnográfica.

Nesse sentido, trazemos a experiência de desenhar o acervo do Inventário da lida campeira nas regiões de Bagé/RS e do Alto Camaquã/RS (RIETH, 2023), como forma de dizer o sensível das relações entre pessoas, animais, coisas e ambientes que constituem o modo de vida campeiro. E, da mesma forma, o trabalho no suporte para a organização de acervos e atuação técnica junto a interlocutores, como o Ponto de Cultura e Memória Centro Cultural Mestre Borel, na cidade de Viamão, e o Ponto de Cultura Quilombo da Família Machado, em Porto Alegre, ambos territórios negros (CASAGRANDE, 2024). Ressaltamos que estes trabalhos, integram-se ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), para pensar a curadoria e difusão de acervos de pesquisa como devolutiva à sociedade, e o papel de pesquisadores e pesquisadoras nesse contexto.

O Banco de Imagens e Efeitos Visuais e a busca por tecnologias e metodologias de restituição de pesquisas e acervos etnográficos

O BIEV⁴, Banco de Imagens e Efeitos Visuais, há quase 30 anos atua na integração de novas tecnologias digitais e eletrônicas para tratamento multi e hipermídia de coleções etnográficas. O grupo é vinculado ao Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tem a coordenação da Prof^ª Dr^ª Ana Luíza Carvalho da Rocha e da Prof^ª Dr^ª Cornelia Eckert.

Com pesquisadoras/es associados e visitantes, alunas/os de mestrado, doutorado e bolsistas de iniciação científica, o grupo foi criado em 1997, com o objetivo de produzir um acervo relacionado ao patrimônio etnológico do mundo urbano, especialmente da cidade de Porto Alegre e de sua região metropolitana, que versam

⁴ Para conhecer mais sobre o grupo, sugiro acesso ao site <https://www.ufrgs.br/biev/> e ao canal no youtube <https://www.youtube.com/@acervosBIEV>

sobre memória coletiva, cotidiano, sociabilidades, meio ambiente, itinerários, narrativas e a estética urbana em sociedades complexas⁵.

Atualmente o BIEV atua com pesquisas antropológicas relacionadas à memória coletiva e estética urbana em cidades contemporâneas, tanto no Brasil como no exterior, e desenvolve projetos, pesquisas e publicações de antropologia urbana, na interface com antropologia visual e da imagem, sobretudo discutindo a restituição de dados através do uso de tecnologias integrativas e interativas para o tratamento e recuperação de imagens visuais e sonoras.

Essa “compilação de diversos dados de diferentes fundos de origem etnográficos (ou não) que permitem a apreensão da cidade e dos problemas urbanos através da densidade etnográfica e arquivística simultaneamente” (ROCHA, CERVO, BRAZ ROCKEMBACH, 2020, p.86)⁶. Dialogando com o trabalho desenvolvido no âmbito do grupo, é interessante destacar o processo de análise das imagens organizadas a partir do método de convergência do estruturalismo figurativo de G.Durand⁷, ou seja, um processo de classificação dos símbolos que ao observar a convergência de vastas constelações de imagens produz núcleos de sentido através de temáticas. Com base nas discussões de Eckert e Rocha⁸, chamamos o conjunto desse material organizado de coleções etnográficas, fragmentos que por sua natureza discursiva se ligam entre si por laço não exclusivo, lógico ou cronológico.

Os dados que são desenvolvidos junto ao grupo, que são também incluídos no banco de dados, são resultado de pesquisas etnográficas, observações participantes em contextos urbanos de sociedades contemporâneas e complexas, sendo elas, em sua maioria, na região metropolitana do Rio Grande do Sul. Ao longo destes quase 30 anos de atuação, o grupo vem contando com financiamento de instituições como CNPQ, CAPES e FAPERGS, além de projetos aprovados em editais da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SECULT RS) e teve diversas experimentações de implementação de bancos de dados para a criação de um acervo que possa ser público, com foco na usabilidade dos usuários e público em geral, e foco específico em colaborar

⁵ Para saber mais da trajetória do grupo, acesse <https://www.ufrgs.br/biev/arvore-bieviana/>

⁶ Cf. CERVO, (M.); ROCKEMBACH (M.); ROCHA, (A.L.C. da). Dados Abertos Antropológicos: O que são e quais suas problemáticas?. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 28, p. 1–28, 2023.

⁷ A respeito ver DURAND (G.) Campos do Imaginário. Lisboa: Instituto Piaget: 1998

⁸ Cf. ECKERT (C.); ROCHA (A. L. C. da). Capítulo Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. In: ECKERT (C.); ROCHA (A. L. C. da). In: *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

com pesquisadores e pesquisadoras. Sua criação foi realizada a partir da percepção de dificuldades no processo de pesquisa com acervos de diferentes instituições, e a necessidade de cuidados específicos com dados de pesquisa oriundos de trabalhos antropológicos. E, além disso, na percepção de que as memórias urbanas são um patrimônio cultural da cidade e de seus habitantes, e, dessa forma, devem ser salvaguardados e restituídos como tal.

Dentre os desafios desse trabalho, estão o volume de materiais, a diversidade de fontes e fundos de origem dos materiais utilizados para o projeto que chamamos de *a criação de um museu virtual da cidade de Porto Alegre*⁹, que se ampara no problema dos jogos de modelização da memória, e teve diferentes formulações ao longo das atividades do grupo. Além disso, há os problemas com relação à não padronização na organização de acervos particulares e a pouca ou nenhuma informação sobre alguns materiais encontrados em instituições museais ou acervos pessoais, bem como, uma ampla gama de dificuldades com relação à preservação do material.

Além dos seminários e discussões entre os participantes do grupo, um dos focos de atuação é a difusão de acervos de pesquisas etnográficas, começando pelo próprio acervo do grupo. Esse trabalho é realizado através do incentivo à escrita de artigos sobre o tema, da elaboração de livros e ebooks¹⁰ e da difusão dos materiais através do website do grupo¹¹. A organização, catalogação e disponibilização das coleções é utilizado o software Tainacan¹², software livre brasileiro, elaborado para criação e gestão de acervos digitais, focado na gestão simples e intuitiva, e nas possibilidades de personalização da gestão dos acervos. O programa foi concebido e desenvolvido pelo MediaLab, da Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Atualmente, é utilizado por diversas instituições.

Além disso, para os materiais videográficos e sonoros - documentários, webinários, crônicas, etc - é utilizado o Youtube¹³, e, para divulgação, o grupo atualmente pensa novas formas de utilização do Instagram¹⁴, experimentando formas de criar conteúdos que sejam relevantes e contextualizados.

⁹ Que originou a criação da coleção do Memorial do BIEV <https://www.ufrgs.br/biev/acervos/memorial/>

¹⁰ <https://www.ufrgs.br/biev/livros>

¹¹ <https://www.ufrgs.br/biev/>

¹² <https://tainacan.org/>

¹³ <https://www.youtube.com/@acervosBIEV>

¹⁴ https://www.instagram.com/biev_ufrgs/

O trabalho junto ao grupo pode se debruçar na gestão, catalogação e inserção do acervo do grupo ou na criação de novas coleções autorais por parte dos pesquisadores e pesquisadoras associadas ao BIEV. É nesse contexto de trabalho junto ao grupo que surgem tanto a gestão dos acervos videográficos, resultantes de pesquisas e documentários, e o processo de desenho do acervo do INRC¹⁵.

Escrita com desenhos

A escrita com desenhos da lida campeira sublinha os aspectos da complexidade e dinâmica da cultura. Atenta-se para as metamorfoses e arruinamento dos saberes e fazeres da pecuária familiar extensiva diante da não conservação dos campos nativos (SÁ BRITO, Andréia N.; MONTEBLANCO, Felipe L., 2021)¹⁶.

Considerando a interdisciplinaridade como orientação da metodologia do INRC, a pesquisa do “Inventário da lida campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã”, constitui a pampa como um contexto híbrido entre a materialidade da paisagem e os modos de vida pecuários de caráter processual, formativo e temporal. A pampa, no sentido de relação com a terra, é inventada nas suas transformações e permanências, de uma paisagem campestre para a paisagem pastoril, constituindo-se a partir do processo moderno-colonial de formação e exploração do ambiente. A paisagem pastoril se constitui pelo pastejo e pisoteio dos rebanhos de bovinos e ovinos em cotransformação das linhas de vida de humanos e animais, invenção onde se afiguram coxilhas e canhadas, galpões, mangueiras galões, bretes pomares e plantações de cercado, lidas e vidas que tramam o processo formativo do ambiente. Apresentam uma pampa pluriversa, considerando os diferentes ambientes e a presença de populações tradicionais que marcam outras formas de ser e estar no mundo.

¹⁵ A pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): a lida campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã foi realizada no período de 2010 a 2022. Inicialmente estabeleceu parceria entre a Prefeitura de Bagé (proponente), o IPHAN (financiamento e cedência de metodologia) e a UFPEL (elaboração e execução da pesquisa) por intermédio dos cursos de Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia. A pesquisa tem o sítio ampliado para a região do Alto Camaquã (Fase 2), somando a parceria com a Associação Para O Desenvolvimento da Região Do Alto Camaquã (ADAC - proponente). Em 2022, a documentação produzida é aprovada pelo Conselho Consultivo do IPHAN, indicando o processo de registro da lida como patrimônio imaterial brasileiro. Finalizada a pesquisa do INRC, no período de 2021 a 2025, a equipe da pesquisa constituiu ações de restituição, obtendo financiamento da FAPERGS para o Projeto: Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira: Restituição e Salvaguarda dos ambientes pastoris. No ano de 2023, realizei formação de pós doutorado junto ao BIEV/UFRGS, Banco de Imagens e efeitos Visuais coordenado pelas Profas. Dras. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. Com o objetivo de pensar o lugar do desenho na pesquisa etnográfica. Formação que integrou oficinas de introdução ao desenho com a artista plástica Malu Rocha.

¹⁶ SÁ BRITO (A. N.) Mudanças na paisagem e no sistema social nos campos da região da campanha gaúcha/RS – Brasil. PPG em Extensão Rural/ UFSM 2022

O desenhar o acervo da pesquisa abarca uma confluência de linguagens (RIETH,2023)¹⁷, em que a antropóloga desenha a partir de uma fotografia do acervo, atual ou antiga, e altera o enquadre; ou quando o desenho está associado a uma narrativa de um parceiro da pesquisa, a uma narrativa literária, ou a outras fontes como letras de música. Observa-se aqui a potencialização da combinação de diferentes dados que animam o desenhar e a experiência da pesquisa, em que o acervo do Inventário se reconfigura. O acervo da pesquisa se amplia na proposição da articulação com outros registros e pela organização multilinear dos dados etnográficos em mídias digitais. Rocha e Eckert, propõem uma escrita por meio da hipertextualização modelada pela estética do fragmento e do relato qualitativo. Seguindo tal proposição, as imagens, “nunca em anexo”, abrem para as múltiplas leituras: “ Explorando a poética do fragmento e do informe que caracteriza a escritura hipertextual, podemos confrontar a linearidade da cultura da escrita a qual pertence o texto etnográfico clássico assim como a cultura do espaço textual livresco, onde ele se deposita, no desafio de promover novas formas de interpretação para as culturas: ”As imagens apresentadas na forma de coleções, de imagens redundantes, tratam de mostrar as variações das formas sociais.

Na gestão dos dados etnográficos da pesquisa, da memória coletiva sobre a lida, em um primeiro momento, os dados foram organizados em diferentes arquivos a partir dos suportes: acervo de vídeo, de texto, som, iconografia, fotográfico, coleções e documentos diversos. Os desenhos estão dispostos no arquivo acervo iconográfico a partir da seguinte classificação: trabalho, relações humanos animais, paisagem e tempo (RIETH, 2025) Ordenação que se reduplica nos demais arquivos. Cada desenho tem registrado os dados de autoria, técnica utilizada, ano e local de realização, contendo breve resumo da imagem, processo atual da pesquisa. Encaminhando uma primeira reflexão a partir das coleções “As pedras tem vida” e “Lida brabíssima e Afetuosa”, sintetizo as categorias de análise ambientalização e trabalho. A primeira delas se desdobra nas palavras chaves: trabalho rural, trabalho artesanal e relações humano e animais e, a segunda, em paisagem, ecossistemas e conflitos ambientais.

¹⁷ Ver o texto “ *O Acervo Documental do Inventário da Lida Campeira Sob o Olhar do Desenho*” de Flávia Rieth. Revista Iluminuras UFRGS v.24 n.65 (2023) - Questões para o Patrimônio Antropológico: Repositórios digitais, acervos e museus.

Tabela Excel: Identificador, Autor, Título, Descrição

Identificador	Autor	Título	Descritor
apfr-relacionalidades	Flávia Rieth	Relações Terra e Água	Desenho em preto e branco, com detalhes coloridos em diferentes pontos. Orientação vertical, onde se vê duas linhas sinuosas, de alto a baixo, no centro da folha, representando o Rio Camaquã. O rio está pintado de azul, em uma tonalidade clara e, tem em toda a sua extensão manchas feito a água em movimento. Todos os elementos do desenho saem a partir do curso do rio e, ao longo da água, pode-se ver que 4 faces arredondadas de pessoas surgem nas margens. A primeira com cabelos com fios pretos, a segunda de chapéu, a terceira com uma longa cabeleira preta e a quarta com cabelos com fios pretos. No rio, vê-se 2 peixes nadando a favor da maré e 1 contra a maré. A cada margem do rio há uma cabana marrom, cercada por 1 pomar com frutos vermelhos ou por palmeiras. Próximo da cabana do lado direito, é possível ver a linha ondulada de uma cobra que se estende da casa ao pomar em direção do pontilhado de areia. No canto inferior do desenho o dorso de um cavalo está olhando para o campo. Ao lado as figuras de uma anca de cavalo, a cabeça de uma ovelha e de uma cabrita. Na parte superior esquerda conjuntos de pássaros voam no céu. Na parte superior direita, estão 3 montanhas com uma linha traçando os seus cumes. Desenho feito em gabinete, composição relacionando diferentes agentes e elementos paisagísticos da lida campeira em campos dobrados, de pedra. Traçado com caneta nanquim e colorido com lápis aquarelável. Compõe a coleção etnográfica "As Pedras têm vida/ Lidas brabíssimas e afetuosas", premiada em 3º lugar na 2º Mostra de Desenho/ Prêmio Pierre Verger, na 34º Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2024.
apfr-lidacampeira	Flávia Rieth	Esquila Martelo	Desenho em preto e branco. Orientação horizontal. Onde se vê a lida da esquila, da tosa das ovelhas. Ao centro está uma das mãos de um campeiro esquilador, posicionada sobre o corpo do animal, de forma arredondada. Os dedos polegar e indicador estão levemente dobrados enquanto os outros dedos da mão se firmam esticados sobre a ovelha. Uma parte da ovelha já foi esquilada. Localizada no quadrante inferior esquerdo, a outra mão segura a lâmina da tesoura de tosa. A lâmina da tesoura é pontiaguda e o movimento de corte faz sombra no corpo da ovelha. Desenho feito em gabinete, de observação de fotografia do acervo do INRC da lida campeira na região do alto Camaquã. Exercício de linhas traçando a texturização da lã, orientação da artista plástica Malu Rocha. Compõe a coleção etnográfica "As Pedras têm vida/ Lidas brabíssimas e afetuosas", premiada em 3º lugar

			na 2ª Mostra de Desenho/ Prêmio Pierre Verger, na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2024.
apfr-trabalhomanual	Flávia Rieth	Cantareiro	Desenho em preto e branco. Orientação horizontal. Onde se vê uma pessoa cortando blocos de pedra. Esta pessoa está sentada sobre uma pedra retangular, com as pernas em cada lado do bloco de pedra. Várias outras pedras estão dispostas na base do desenho. A pessoa usa calça comprida e camisa quadriculada, arregaçada nas mangas. Em uma das mãos segura uma estaca posicionada sobre o bloco de pedra, enquanto a outra segura um macete. Esta mão está levantada, pronta para dar o golpe sobre a estaca. Desenho feito em gabinete, de observação de fotografia. Exercício de contraste claro e escuro, orientação da artista plástica Malu Rocha Compõe a coleção etnográfica "As Pedras têm vida/ Lidas brabíssimas e afetuosas", premiada em 3º lugar na 2ª Mostra de Desenho/ Prêmio Pierre Verger, na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2024.

Tabela Excel: Projeto, coleção, categoria e palavras-chaves

Trabalho, paisagem, patrimônio e tempo: o acervo do Inventário da Lida Campeira sob o olhar antropológico.	Lida brabíssima e afetuosa	Trabalho	Trabalho Rural	Trabalho Artesanal	Relações Multiespecíficas
--	----------------------------	----------	----------------	--------------------	---------------------------

Desenhos: invenções paisagísticas na /da pampa por humanos e animais.

A região do Alto Camaquã, Sell (2017)¹⁸ caracteriza como Pampa Serrano por apresentar alta geodiversidade, com formação de relevo irregular, “é comum de se observarem, a poucos quilômetros de distância, cerros com grandes matacões graníticos arredondados, vales fluviais de solo fértil, cristais de quartzito ou xisto, cerros vulcânicos com disjunções colunares, ou ainda formas de relevo ruiformes produzidas sobre arenitos (...) Essa geodiversidade também implica uma diversidade florística e fisionômica maior, com gramíneas, leguminosas, arbustos, floresta de encosta e de galaeria, além de ocorrência notável de cactáceas e bromeliáceas.” (p. 154).

A região é descrita como a região mais preservada da pampa e a mais pobre do Estado do Rio Grande do Sul. Apresenta 80% da cobertura vegetal natural preservada e, neste sentido, conforme Monteblanco situa os campos dobrados como “relicários à céu aberto “ que restam remanescentes, confinados em geografias refratárias a usos

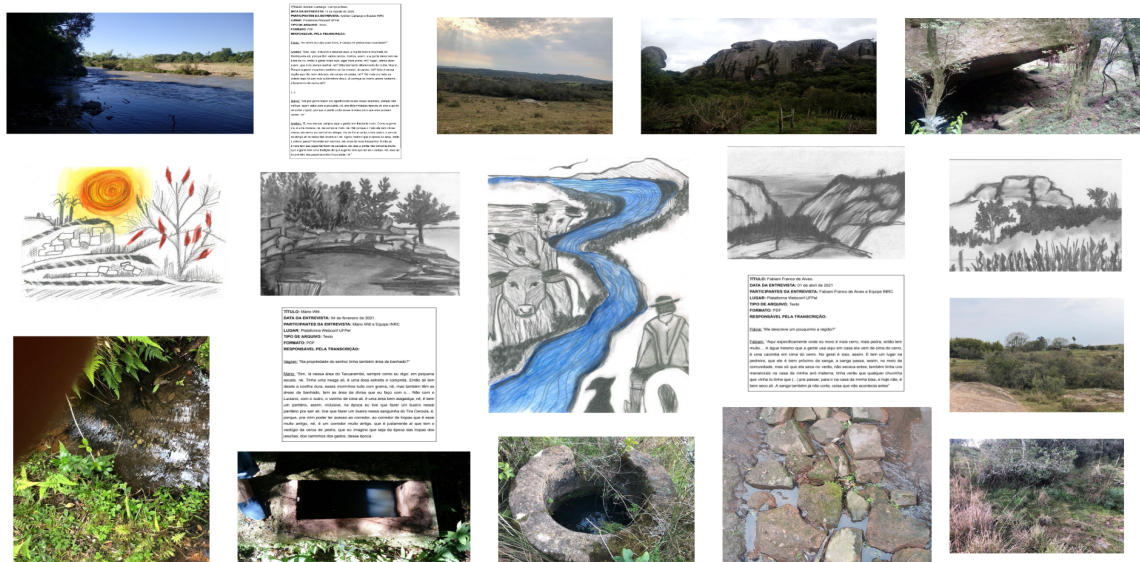
¹⁸ SEL (J. C.) Estradas Paisagísticas: Estratégia de Promoção e Conservação do Patrimônio Paisagístico do Pampa Brasil-Uruguai. PPG em Geografia e Geociências/UFSM, 2017. Tese de doutorado.

hegemônico (p.61), tendo em vista a modificação da paisagem pastoril pampeana diante da conversão agrícola em escala industrial com os cultivos de arroz e soja e a silvicultura de espécies exóticas, como o eucalipto e o pinus (Relatório INRC: lidas na Região do Alto Camaquã, 2021).

Paradoxalmente, a região alta da bacia do rio Camaquã, é considerada pelo estado como a região mais pobre tendo em vista o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) dos municípios que a integram, especialmente: Santana da Boa Vista, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Lavras do Sul, em relação a Caçapava do Sul e Bagé. Lugar de morada e caminhos de populações tradicionais: pecuaristas familiares, quilombolas, povos indígenas, entre outros. Conforme Marcos Borba, esta região caracteriza-se pela agricultura /pecuária familiar, apresentando modos de vida pecuários de relação intensa com os ciclos da natureza e autônomos em relação aos mercados e insumos externos, bem como, de terrenos ondulados e solos rasos “aspectos que evidenciam o desinteresse dos projetos de modernização agrícola.

A noção de paisagem, conforme Simmel (2009)¹⁹ vai se configurando na experiência da pesquisa, em que “uma ampla dispersão de fenômenos naturais converge para um tipo particular de unidade” (p.13) Unidade que se anima pela aprendizagem atencional com relação a intimidade, da vida dos interlocutores na paisagem que está objetificada nos desenhos como cultura campeira. Simmel, (2009) apresenta a disposição anímica da unidade que principia pelos atos de contemplação e afetos para uma “significativa relação (e invenção) de culturas”. A cultura é tornada visível, é objetificada, na experiência do choque de alteridade, pelo encontro de subjetividades, em que a sua compreensão da antropóloga se dá pela extensão do familiar.

¹⁹ SIMMEL (G.) *A Filosofia da Paisagem*. Covilhã: Lusofia Press, 2009.

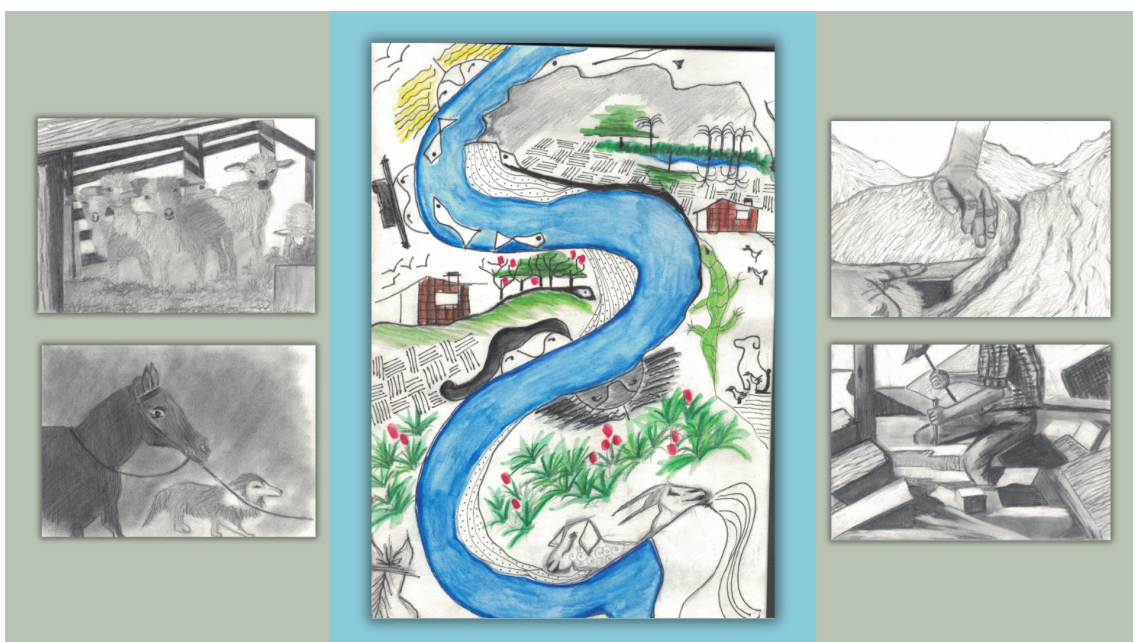


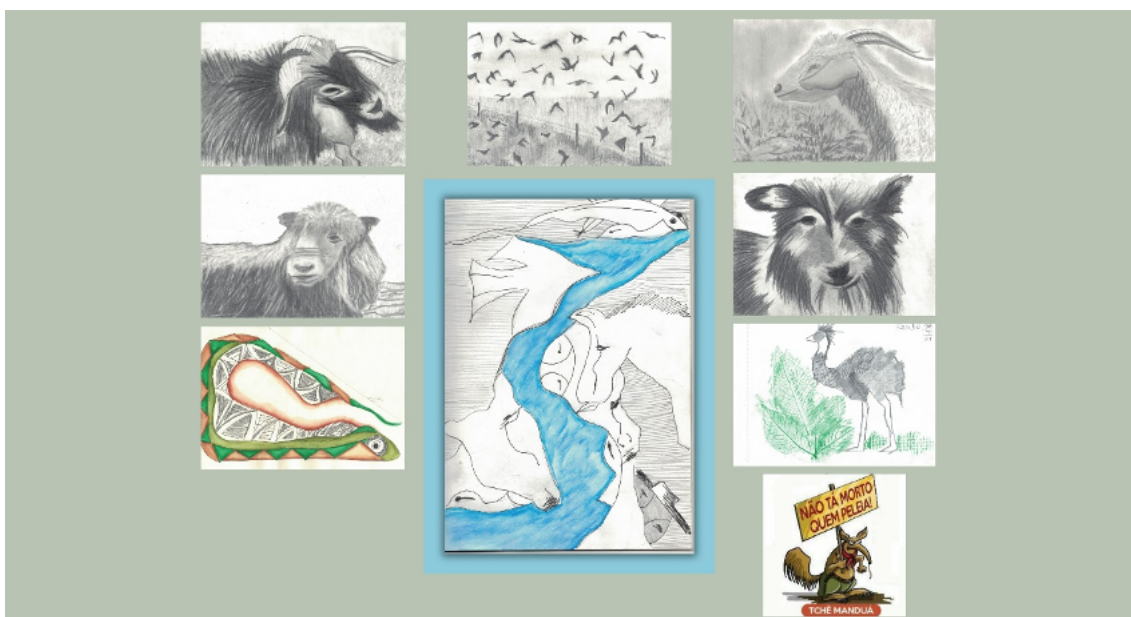
O rio Camaquã serpenteia pelas pedras, figurando a sinuosidade de suas águas correntes, é movimento, mudança. No ciclo de grande vazão do rio, no inverno, o ronco do Camaquã leva tudo “de arrasto” e traz perigo para as pessoas, animais e plantas que habitam as suas bordas, o ronco é isomórfico dos ruídos da ventania no campo, é “valorização negativa do movimento”, é viração. O rio também estabelece reciprocidades vitais com os animais, plantas e gentes quando guiado pelos ciclos de suas águas. Em áreas de várzea, os campos banhados são descritos pelo Sr. Camilo como “engordadeiros”, ou quando “junta uma sanga, quando a sanga vai chegar ao rio, muitas vezes dá este transbordamento e aí ficam umas áreas alagadiças, (...) é onde vem mais variedades de gramíneas e leguminosas, é um banquete para os animais (depoimento do Sr. Mário Witt). Enquanto que nas épocas de seca, a relação entre as

águas correntes do Camaquã e de suas nascentes, olhos d'água, contrastam com as águas lamacentas do açudes, onde os bichos não conseguem mais beber.

Atenta-se aqui para a relação entre o animal e o seu movimento que associado ao serpentear do rio, o anima. Em animação reduplicada, o simbolismo animal, conforme Durand, “depois de ter sido símbolo de agitação e da mudança, assume mais simplesmente o simbolismo da agressividade, da crueldade”.

A lida é trabalho de todas as manhãs, independente se é inverno ou verão, que se inicia pela contagem dos animais, é olhar quanto gado tem no potreiro: “E a gente, você começa a lida, você conhece um por um. Olha, tá faltando a vaca tal, se tem um diferente já vê. Esse boi não é daqui, (se conhece o animal) pela pelagem, marca, sinal. Se tu passa a conviver com aquela bicharada, daqui a pouco você já conhece um por um. Vai botando nomes neles”.





Lidas brabíssimas e afetuosas

Observa-se que o trato tradicional com os animais, na lida campeira, descrito como brabíssimo, remete aos perigos que acometem a relação com os animais e o ambiente, seja pelo imensidão da matéria terrestre, onde se ergue o precipício dos campos dobrados da região, ou pela profundidade das águas dos sumidouros. Uma lida brabíssima que se faz afetuosa pelos cuidados com a criação em que humanos e animais se familiarizam na copresença, pois para o Sr. Beto, os campeiros se tornam campeiros quando passam a conhecer os animais. Relações que tratam de inventar a cultura campeira na pampa.

O trabalho com acervos em vídeo

No caso aqui citado, são trazidas experiências com a gestão de acervos videográficos. Os registros sonoros e videográficos, atualmente, são amplamente utilizados em pesquisas etnográficas, no caso do suporte videográfico, isso pode se dar a partir de registros em vídeo de locais, práticas e, principalmente, conversas com parceiros de pesquisa. O material em vídeo traz desafios próprios quando se trata do trabalho com acervos de pesquisa.

No período entre março de 2023 e março de 2025, foi realizado no BIEV o projeto *Musealização e difusão cultural de patrimônios de pesquisas antropológicas em contextos das metrópoles contemporâneas: o caso das coleções audiovisuais do BIEV/UFRGS*, que foi aprovado na Chamada do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/MCTI/FNDCT número 39/2022 e

teve a coordenação da Prof^ª Dr^ª Ana Luiza Carvalho da Rocha. O projeto, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tratou de inventariar os acervos de pesquisa etnográfica do grupo para, a partir disso, fazer a curadoria, análise, categorização e adequação dos arquivos, para posterior inserção no website do grupo, via software Tainacan, e difusão. Nesse contexto, foi criado o grupo de vídeo do acervo, que se dedicou à criação, organização, catalogação, categorização e disponibilização de documentários e crônicas videográficas e sonoras.

Se por um lado trabalhar com acervos próprios e de terceiros tem diferenças e particularidades, por outro, a diferença no formato de mídia dos materiais tem em si outras especificidades, aprendizados e dificuldades únicas. O trabalho com o acervo em vídeos trouxe em si desafios relacionados ao tipo de suporte. Dentre eles, a necessidade de visualização e edição dos materiais, que demanda conhecimentos técnicos e um certo tempo, da compreensão do tipo de corte que queremos em crônicas em vídeo, inserção de vinhetas com a identificação correspondente aos projetos de cada material e mesmo a existência de materiais repetidos com nomes diferentes. Além disso, a necessidade de uma equipe interdisciplinar e o trabalho em grupos - em oposição ao trabalho individual (ainda que com suporte e orientação) do acervo fotográfico, por exemplo - criou a necessidade de estabelecer protocolos e métodos específicos.

Dentre as questões que surgiram, está, por exemplo, a defasagem do tempo nos equipamentos utilizados na produção de imagens, resultando em materiais que não atenderiam aos critérios atuais de qualidade técnica. Com isso, debatemos sobre quais as características mínimas necessárias para que pudéssemos aproveitar alguns arquivos, tendo em vista que há materiais que são únicos em termos de conteúdo e interlocutores.

A equipe desse núcleo de trabalho com as crônicas em vídeo e documentários variou entre três e seis pessoas, onde havia (1) 1 coordenação geral do projeto, (2) 1 responsável por tradução e legendagem, (3) 1 doutoranda responsável pelo apoio para a criação desses protocolos e supervisão do trabalho, além de edição e suporte geral, e (4) dois bolsistas de apoio técnico, edição, inserção de vinhetas, inserção na tabela de excel, envio para o canal do YouTube do projeto e envio no software Tainacan, para disponibilização no site e difusão.

Uma das aventuras experimentais nesse sentido foi a criação das categorias das crônicas. Inspiradas no teatro, ficaram as tipologias de cenas, cenários e personagens, a partir das características das filmagens e registros. Enquanto os *cenários* são imagens

gerais que mostram o ambiente e o contexto do urbano, as *cenas* indicam a presença de ação de pessoas, mas sem o foco na fala e as crônicas de *personagens* são aquelas onde a conversa está em primeiro plano, sejam entrevistas ou narrações. Essa separação foi essencial para dinamizar o trabalho e permitir a criação de protocolo específico, principalmente considerando as crônicas de personagens, que necessitam de tradução e legendagem em inglês. Ao longo do trabalho de dois anos, foi preciso, por diversas vezes, parar e analisar os processos e princípios aplicados aos materiais, bem como as dinâmicas de trabalho, a partir de uma centralidade das narrativas e contextos presentes nas imagens. Um trabalho que continua em andamento e que reflete também as reflexões próprias sobre a atuação dos antropólogos e outros profissionais especializados sobre os arquivos, bem como das memórias que estes materiais acionam em nós e da importância da devolução dessas memórias registradas, tanto para os grupos de interlocutores, quanto para a cidade como um todo e para a salvaguarda de seu patrimônio cultural.

Pensar as ações de difusão e divulgação de acervos de pesquisa para além das ferramentas

Um dos debates correntes no grupo é sobre as formas de difusão do trabalho realizado, e, por consequência, dos materiais que fazem parte do acervo do grupo. A busca contínua por recursos é uma das formas encontradas para viabilizar as experimentações tecnológicas do grupo e a catalogação e disponibilização do amplo acervo de materiais que hoje integram o acervo do grupo, resultantes de pesquisas etnográficas realizadas pelas coordenadoras do grupo e/ou pesquisadores/pesquisadoras associados/associadas ao longo destes quase 30 anos.

A elaboração e submissão de projetos a agências de fomento que financiam ciência, tecnologia e a pós-graduação brasileira faz parte desse processo, e o grupo já recebeu financiamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Além disso, a recente criação de programas federais de repasse de recursos para o setor cultural brasileiro, através das leis Paulo Gustavo (LPG)²⁰ e Aldir Blanc (PNAB)²¹ ampliou as possibilidades de acesso a recursos. A LPG é uma lei de caráter pontual, criada com o objetivo de realizar ações emergenciais para o setor cultural, buscando o fomento após a pandemia do Covid-19, e a PNAB é uma política nacional que visa estabelecer o financiamento do setor cultural durante inicialmente por 5 anos e recentemente tornando-se permanente²², através de repasses anuais. Não cabe aqui a análise aprofundada do efeito dessas medidas de financiamento da área cultural e das ações de fomento focadas em editais, e essa breve descrição de ambas visa meramente contextualizar o surgimento de novas fontes de fomento²³. Ambas possuem uma gestão nacional mas descentralizada, através de repasses para Estados e Municípios, que realizam suas consultas públicas, editais e premiações, para a realização dos repasses. Ao longo dos últimos anos, realizamos a elaboração de alguns projetos para editais de ambas, a partir de um grupo de trabalho criado dentro do BIEV. Com isso, no ano de 2024 o projeto *Porto Alegre Através de Acervos de Pesquisa* foi contemplado pelo edital SEDAC nº 31/2024, da Secretaria de Cultura de Estado do Rio Grande do Sul (SEDAC)²⁴.

O trabalho desenvolvido ao longo de um ano de projeto foi a continuidade do projeto *Musealização e difusão cultural de patrimônios de pesquisas antropológicas em contextos das metrópoles contemporâneas: o caso das coleções audiovisuais do BIEV/UFRGS* citado anteriormente e buscou viabilizar a inserção de materiais de todos os suportes no Tainacan e a disponibilização dos mesmos no website do grupo, e a consequente devolutiva desses materiais para a comunidade como um todo²⁵.

²⁰

<https://www.gov.br/secom/pt-br/aceso-a-informacao/comunicabr/lista-de-aco-es-e-programas/lei-paulo-gustavo>

²¹ <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/politica-nacional-aldir-blanc/conteudo/o-que-e>

²²

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/05/05/sancionada-lei-que-torna-permanente-politica-de-fomento-a-cultura>

²³ Seria possível incluir ainda as Leis de Incentivo à Cultura, uma forma de financiamento com recurso público, mas como essa modalidade de financiamento prevê a captação junto a empresas privadas, estamos fazendo aqui uma diferenciação. Sobre o tema, buscar <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/lei-rouanet> e <https://cultura.rs.gov.br/lei-de-incentivo-a-cultura>

²⁴

https://www.procultura.rs.gov.br/upload/1731329688doe_11_11_24_listagem_final_edital_memoria_e_patrimonio.pdf

²⁵ Nos artigos Acervos videográficos e sonoros: reflexões sobre o processo de registro das memórias de uma comunidade urbana, do ebook O patrimônio em questão: acervos etnográficos, espaços museais e ambientes culturais na web, disponível em <https://www.ufrgs.br/biev/patrimonio-em-questao/>. Gestão de Coleções Etnográficas: Arquivos, 84 Itinerários e o Olhar Sensível sobre a Memória Coletiva, do ebook

Ao longo desse processo, o tema da divulgação em mídias digitais foi colocado em debate no grupo, começando no projeto financiado pelo CNPq e desenvolvido também no projeto via PNAB. A utilização do Youtube como forma de viabilizar a disponibilização de materiais videográficos e sonoros já era uma forma de divulgação através de mídias digitais, ainda que esse não fosse o objetivo principal da utilização do site - escolhido principalmente para a otimização do uso de um servidor próprio para armazenamento dos materiais, visando mais controle dos backups e manutenções realizados.

As reflexões do grupo acerca desse tema envolveram a dificuldade de transpor a lógica das coleções para uma mídia como o Instagram, quais seriam as formas de experimentação possíveis utilizando o site e como incluir no processo de gestão do acervo um profissional de comunicação, uma vez que não se trata de uma empresa e muito menos da lógica empresarial, mas das atividades de um núcleo dedicado à pesquisa, reflexão e debate acerca de um campo conceitual, e das experimentações em torno desse processo.

Assim, nos debates do grupo dedicado ao trabalho de inserção do acervo dentro do projeto *Porto Alegre Através de Acervos de Pesquisa*, pensamos coletivamente em formas de estruturar a comunicação e divulgação das atividades do grupo. Saindo da lógica de um núcleo de comunicação no grupo, partimos da ideia de que cada pessoa responsável pela inclusão de materiais no Tainacan poderia ser responsável pela seleção e organização de materiais para divulgação. Para isso, foi criado um formulário de preenchimento padrão, adaptado ao longo do uso a partir dos relatos dos pesquisadores que utilizaram, e englobando as mídias e possibilidades exploradas no acervo. A ideia é que a cada lote de mais ou menos 30 imagens inseridas na tabela do excel e no Tainacan, o pesquisador fizesse uma inclusão no formulário, com imagens e/ou vídeos, a descrição já elaborada para a coleção e as imagens específicas e demais informações relevantes, na sua própria visão. Isso também visou a autonomia dos pesquisadores mediante o processo de difusão e divulgação do trabalho, estimulando a reflexão acerca das possibilidades de uso dessa lógica também em seus próprios trabalhos. A imagem abaixo mostra a primeira parte do formulário.

Relato - atividades

Nesse formulário, vamos preencher com um pequeno relato das atividades de cada um, buscando mostrar uma coleção com 05 imagens que conversem entre si, a partir dos lotes (30 arquivos) trabalhados no período de mais ou menos 1 mês. Se você trabalhou com mais de 1 lote nesse período, pode escolher fazer mais de um envio ou não. A ideia não é colocar todo o material trabalhado, mas a partir dele, criar uma coleção/seleção de materiais que conversem entre si e possam criar uma narrativa para a plataforma de divulgação. Dúvidas: elisacasagrande@gmail.com

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Responsável (nome) *

2. Período

Indique o período de trabalho a que se refere essa resposta, por favor (de xxx a xxx/25)

3. Número de lotes/arquivos trabalhados no período

Indique QUANTOS lotes ou arquivos você inseriu no tainacan

4. Identificação do lote / coleção trabalhado

Projeto / documentário / indicadores de qual material você está trabalhando

5. Ideia central da coleção *

Um texto curto falando sobre a narrativa que essa coleção compõe

6. Tipo de suporte (fotos, vídeos, som...) *

Marcar apenas uma oval.

☐ Fotografias [Pular para a pergunta 7](#)

☐ Vídeos [Pular para a pergunta 19](#)

☐ Som [Pular para a pergunta 19](#)

☐ Textos [Pular para a pergunta 7](#)

☐ Iconografias [Pular para a pergunta 7](#)

Fotos, textos e iconografias

7. Insira as imagens (devidamente identificadas) *

Inclua aqui CINCO imagens dessa coleção feita para divulgação

Arquivos enviados:

O formulário obteve 32 respostas no período e foi utilizado para criar publicações no Instagram do grupo, com carrosseis de conteúdos - postagens que permitem a inclusão de até 20 imagens atualmente - buscando a criação de narrativas sobre as coleções, e não apenas exibir imagens ou fazer conteúdos rápidos. A divulgação utilizando esse meio também nomeia os pesquisadores responsáveis pela inclusão das coleções e seus autores e fundos de origem, mantendo o foco na divulgação da imagem contextualmente e em suas constelações de sentidos.

Coleções etnográficas, gestão de memórias

O processo de criação de coleções autorais a partir de pesquisas de mestrado, doutorado e pós doutorado segue um processo próprio, onde as imagens (iconográficas ou fotográficas, videográficas ou ainda sonoras) são selecionadas pelo próprio pesquisador/pesquisadora, organizadas a partir das categorias e palavras-chaves, renomeadas, catalogadas, organizadas no Drive coletivo, inseridas na planilha coletiva de Excel e, a partir disso, seguem o processo de inserção no Tainacan. Cada uma das mídias tem características únicas nesse sentido, com particularidades próprias, relacionadas ao tipo de arquivo. Enquanto fotografias e iconografias (desenhos, mapas, etc.) são inseridas diretamente no Tainacan, vídeos e sons são incluídos no Youtube, devido ao tamanho e grande volume de arquivos, buscando não sobrecarregar o servidor do site.

Para fazer a inserção de coleções já criadas no software Tainacan, também existe um protocolo, repassado através de reuniões, seminários e materiais em texto. A partir dos manuais específicos para cada formato - fotos, vídeos, sons, etc., dos tutoriais organizados e das oficinas gravadas, disponibilizados ao grupo, é preciso, antes de levar as informações para o site, colocá-las na tabela de excel. A tabela replica os campos que estão no Tainacan, e essa etapa funciona como um treinamento prático para nos levar à prática real. Nesse caso, as etapas iniciam já com as coleções montadas, podendo já estarem descritas e renomeadas ou não, e cabendo ao pesquisador/pesquisadora responsável partir da etapa onde cada uma das coleções se encontra nesse fluxo pré estabelecido.

É na prática de preenchimento da tabela - e do site - que surgem dúvidas que só são possíveis de encontrar quando colocamos em prática o que aprendemos teoricamente. Também é nesse momento que encontramos e nos aprofundamos, enquanto grupo em aprendizado e experimentação, no projeto matriz e no Thesaurus²⁶ do BIEV, estruturas que orientam e ordenam o trabalho e a organização das coleções no website, mas, mais do que isso, que resultam de teses e pesquisas e epistemologicamente ordenam o pensar sobre os materiais. Mas a tabela também tem um papel em si, que é o de servir como cópia de segurança das informações de catalogação dos materiais, para caso de perda das informações do servidor. Os arquivos

²⁶ O artigo Antropologia Colaborativa e Repositórios Digitais de Pesquisas Urbanas: A Experiência do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (UFRGS), escrito por J.A.Júnior. A.L.C. da Rocha e C. Eckert, versa sobre o tema: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/69593>

em si são salvos tanto em serviços de armazenamentos digitais, quanto em hard drives físicos, como backup. Essa é a forma didática como o trabalho é realizado no âmbito do grupo.

O trabalho de criação e refinamento de coleções etnográficas, à guisa de conclusão

O trabalho prático com a tabela do excel leva ao avanço no processo de trabalho com as coleções - afirmação decorrente dos relatos observados durante as reuniões do grupo, que são similares entre os colegas e cíclicas a partir das fases de início dos trabalhos e ambientação com o software e o núcleo conceitual do grupo. No caso do projeto mencionado, o trabalho com as coleções de outros pesquisadores também funcionou como uma preparação para pensar, criar e refinar coleções particulares - finalizadas ou que ainda estão em processo de montagem. Esse trabalho com as coleções etnográficas de outros pesquisadores tem seus desafios específicos, pois é preciso ver a coleção como um todo, os títulos e nomes de arquivos, as descrições e adequar as categorias e palavras-chave destinadas. Em algumas ocasiões, por exemplo, há informações faltantes sobre fundos de origem ou contextos específicos. Em outras, é preciso escrever ou reescrever as descrições dos arquivos, com o fim de contextualizar e descrever a imagem por si. Mergulhar nas coleções de outros pesquisadores é também debruçar-se sobre as suas pesquisas como um todo e tentar ver o universo de pesquisa sob seus olhos. Distância e proximidade dos materiais de pesquisa, em se tratando de materiais de pesquisa de terceiros e próprios, respectivamente, são duas faces da mesma moeda.

É relevante explicar a questão da descrição das imagens das coleções fotográficas. O objetivo deste campo é realizar uma descrição do que está presente nas imagens e seu contexto, e não das intenções ou ambivalências das situações das mesmas. Quando trabalhamos com coleções de imagens de outros pesquisadores, a questão aqui é entender o contexto. Mas o trabalho com coleções etnográficas autorais tem as suas dificuldades específicas, e descrever imagens sem colocar a pesquisa que a cerca, carga emocional ou mesmo militância é a desconstrução de uma forma de pensar as imagens no contexto da pesquisa²⁷. De forma mais ampla, é também uma questão de entender que não temos o controle sobre a percepção que outras pessoas terão sobre os

²⁷ Nesse sentido, acho interessante a reflexão sobre as pesquisas com e através de imagens no artigo de C. ECKERT e A.L.C. da ROCHA "Nunca em anexo!" *Pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropologia Audiovisual*, disponível em <https://www.auas.org.uy/trama/index.php/Trama/article/view/196>

materiais que disponibilizamos. Uma descrição conceitual das imagens é uma forma de tentar controlar a narrativa que chega ao outro, e a forma como ela será recebida - vontade utópica, impossível de se realizar, uma vez que cada um olha (a vida, a pesquisa e a imagem) a partir do seu ponto de vista e com seu olhar específico.

A ideia é que não só as imagens são complementares ao texto, mas elas também são, em si, uma forma de organização de ideias e de comunicar. Por assim dizer, elas também são “texto”. Além disso, seja quando falamos de imagens fotográficas ou iconográficas, desenhos, sons ou vídeos, a questão é que a organização dos materiais em núcleos semânticos que organizam sentido, a partir de uma pesquisa, atua na formação das coleções etnográficas²⁸. E nesse contexto, cada imagem fala por si, mas quando consteladas, elas fazem parte de um conjunto maior, e conversam entre si, para um sentido comum. A escolha das categorias e palavras-chave também funciona dessa forma. Quando escolhemos uma categoria, dentre as opções, estamos fazendo uma escolha conceitual, que vai falar sobre aquela coleção, e que também vai ajudar a determinar a sua composição. É a partir dos conceitos e das narrativas que as imagens são coletadas e as coleções são criadas. Nesse sentido, as imagens não ilustram o texto, elas compõem ele²⁹.

No trabalho de montagem de coleções, entre arranjos, desarranjos e rearranjos de imagens, trocando-as de núcleos, categorias e palavras-chaves, para buscar o que se encaixa melhor, às vezes é quase como se a imagem falasse por si. É como se ela invocasse o direito de estar em uma coleção e não em outra. O sentido pulsante da imagem em meio ao contexto de uma pesquisa manifesta-se de tal forma aos olhos do pesquisador - nesse caso, um relato a partir de experiências particulares - que é quase um dever colocá-la na coleção / núcleo onde ela se encaixa por si só. Abrir mão do controle e abrir os olhos para o sentido constelado por trás da imagem é a essência do trabalho com coleções, e, ainda que muitas vezes difícil, por nos levar a romper ideias predeterminadas, é também um processo que traz consigo uma beleza poética.

As imagens atuam como princípio organizacional, onde suas características se depositam sobre a imaginação criadora do pesquisador / da pesquisadora. Não se trata

²⁸ Sobre o tema das coleções etnográficas: ECKERT (C).; ROCHA (A. L. C. da). Capítulo Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. In: ECKERT (C).; ROCHA (A. L. C. da). In: *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1. ed. Porto Alegre: Marcavíslua, 2013.

²⁹ Eckert, C., & Carvalho da Rocha, A. L. (2020). "Nunca em anexo!" Pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropología Audiovisual. *Trama*, 11(11), 10 - 32. Disponível em: <https://www.auas.org.uy/trama/index.php/Trama/article/view/196/133>

aqui de uma convergência por analogia funcional, que junta apenas obviedades materiais das imagens, mas da aplicação do método de convergência, a partir das preocupações do estruturalismo figurativo de Durand³⁰, tomado como referência para a convergência das imagens em núcleos de significados. A organização de imagens atuais e passadas em coleções leva a operar com um processo de convergência de imagens onde a imaginação criadora da antropóloga / do antropólogo atua de forma intensa no processo de produção de imagens como uma forma de narrar a cidade. Assim, aqui as coleções são parte da pesquisa utilizando os procedimentos da etnografia da duração, no contexto das pesquisas sobre o mundo contemporâneo, seus tempos e espaços - e o cruzamento entre eles³¹.

Esse processo acontece no esforço por compreender diferentes significados que estão presentes nas formas e tempos distintos presentes nas imagens. E a semelhança nos conteúdos não é o critério principal de classificação. O agrupamento de imagens não acontece só pela função ou materialidade. E mesmo sendo distintas e heterogêneas, elas podem mostrar percepções sobre as mudanças urbanas das cidades nas últimas décadas e gerar reflexões sobre o contexto e o fenômeno social e simbólico em que foram produzidas.

A proposta do grupo é que, durante esse trabalho prático aconteçam algumas etapas: (I) a exposição de dúvidas e dificuldades em coletivo e o debate ativo sobre os mesmos, durante (II) as apresentações sobre as coleções de cada um dos pesquisadores, que acontecem com certa periodicidade, (III) a realização de seminários temáticos, visando o aprofundamento teórico para a compreensão e complexificação do processo prático e (IV) a escrita sobre todo esse processo, onde apontamos erros e acertos, para a elaboração da didática de aprendizado, o que proporciona o avanço no tema, processo de reflexão que se caracteriza por uma etnografia da etnografia³². Além disso, a ideia é que estes materiais possam servir de suporte para outras pessoas que estejam ou venham a estar em situações similares. As dificuldades são recorrentes e próximas entre as pessoas do grupo, e é importante ver que o processo de aprendizado se repete e é uma via de muitas mãos.

³⁰ A respeito ver DURAND (G.) Campos do Imaginário. Lisboa: Instituto Piaget: 1998

³¹ Cf. ECKERT (C.) & ROCHA (A. L. C. da), *Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

³² Cf. ECKERT (C.); ROCHA (A. L. C. da). *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.